



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO E O FILOSOFAR NA ATUALIDADE

### PLATO'S ALLEGORY OF THE CAVE AND PHILOSOPHIZING NOWDAYS

### LA ALEGORIO DE LA PLATONA KAVERNO KAJ LA NUNTEMPA FILOZOFIADO

Maicon Martta<sup>22</sup>

#### Resumo

Esse artigo analisa a disciplina de filosofia e a sua relevância na educação, pretendendo com isso desmistificar a lógica de que a filosofia não é necessária e que os profissionais formados nessa área são dispensáveis. Para cumprir tal objetivo, se buscou em livros e artigos os principais fundamentos para se defender essa ideia, sendo o principal fio condutor o livro VII da República de Platão e sua famosa Alegoria da Caverna. Levando isso em consideração, o artigo foi dividido em duas partes, sendo que a primeira trouxe um breve histórico do panorama educacional brasileiro e suas tendências e a segunda, trouxe a analogia com a famosa alegoria platônica e a importância da filosofia na passagem das sombras para a luz no processo de conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação. Pensamento Crítico. Filosofia.

#### Abstract

This article aims to analyze the discipline of philosophy and its relevance in education, with the aim of demystifying the logic that philosophy is not necessary and that professionals trained in this area are expendable. In order to fulfill this objective, we searched in bibliographies the main foundations to defend this idea, being the main guiding the book VII of the Republic of Plato and its Allegory of the Cave. Taking this into account, the article was divided into two parts, the first of which brought a brief history of the Brazilian educational panorama and its trends, and the second, brought the analogy with the famous Platonic allegory and the importance of philosophy in the passage from shadows to the light in the process of knowledge.

**Keywords:** Education. Critical Thinking. Philosophy.

---

<sup>22</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2007). Sou Mestre em Estudos Fronteiriços pela UFMS (2018). Sou Pós-Graduado em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015). Possuo Especialização em Docência do Ensino Superior pela FSST (2012) e em Ensino e Aprendizagem da Geografia pela Universidade Católica de Brasília (2013) e em Antropologia Pela Unyleya (2020). E-mail: maicon.martta@ifms.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Resumo**

Tiu ĉi artikolo analizas Filozofion kiel fako, kaj ties graveco en edukado. Per tio oni celas senmitigi la logikon laŭ kiu Filozofio ne estas necesa kaj sekve la tiufakaj profesiuloj estas forĵetablaj. Por atingi tiun celon, oni traserĉis en libroj kaj artikoloj la plej elstarajn argumentojn por defendo de tiu ideo, kaj nia precipa kondukila fadeno estis la Libro 7-a de la “Respubliko”, el Platono, kaj ties fama Kaverna Alegorio. Konsiderante tion, nia artikolo estis dividita en du partoj: la unua alportis mallongan bildon de la brazila eduka panoramo kaj ĝiaj tendencoj, kaj la dua, analogion kun la fama platona alegorio kaj la graveco de Filozofio dum transiro de ombroj al lumo, dum la kogna procezo.

**Ŝlosilvortoj:** Edukado. Kritika Penskapablo. Filozofio.

**1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

As discussões acerca da nova proposta de Ensino Médio feita pelo atual Governo Federal suscitaram indagações no que tange a relevância da filosofia no currículo escolar. Essa discussão se torna ainda mais acalorada quando se pensa na educação em todas as suas esferas, a saber, nos níveis básicos, médio, técnico e superior. Entendendo que a educação é um processo, salienta-se a importância do progresso dos estudantes em termos de currículo e conteúdos necessários para a sua formação.

É de ciência que os conteúdos que são referentes ao ensino básico e técnico devem obedecer aos parâmetros curriculares nacionais (PCN's) e a Base Nacional Comum, entretanto, a questão que deve ser colocada é a seguinte: é necessário o ensino de filosofia nesses currículos? Qual é o objetivo de seu ensino? De antemão se responde de que sim, é necessário o ensino de filosofia nos currículos do ensino básico e médio, assim como nos cursos técnicos integrados e superiores e que seu objetivo é a necessidade de se pensar filosoficamente os problemas que rodeiam o mundo profissional e o mundo de uma maneira geral. Este posicionamento respalda-se na necessidade de um saber técnico que seja crítico, radical, racional e lógico, assim como a necessidade de um ensino humanista no ensino básico e médio.

Tendo em vista esta perspectiva, se objetiva aqui analisar a disciplina de filosofia e sua relevância na educação, pretendendo com isso desmistificar a lógica de que a filosofia não é necessária e de que os profissionais formados nessa área são dispensáveis. Para cumprir tal objetivo, se buscou em livros e artigos os principais



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fundamentos para se defender essa ideia. Para elucidar, o fio condutor foi o Livro VII da República, obra célebre de Platão, em que o filósofo ateniense narra a sua famosa Alegoria da Caverna.

Levando isso em consideração, o artigo será dividido em duas partes. A primeira trará um breve histórico do panorama educacional brasileiro em que se poderão analisar as principais tendências. Esta parte introdutória é relevante para ilustrar historicamente os caminhos que foram percorridos pela educação. Com isso, se poderá argumentar a importância do pensamento filosófico no contexto educacional e justificar, também, o porquê ele é necessário. A segunda parte trará a analogia com a famosa alegoria de Platão. Objetiva-se com isso, mostrar que a filosofia pode mudar a concepção de mundo do estudante, seja em qual nível for, sendo ela a chave para um pensar crítico, racional, radical e lógico. A alegoria da caverna, nesse sentido, ilustrará as sombras que ainda são contempladas, bem como a passagem para a luz que só pode ser alcançada através da educação de qualidade e excelência, tão desejada no cenário nacional. O professor de filosofia, neste contexto, surge como o agente catalisador responsável não só pelo conhecimento filosófico, mas como àquele que acende a fagulha da chama do conhecimento crítico em todos os seus aspectos e repercussões.

## **2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A GÊNESE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Para compreender a importância da filosofia e o papel do professor deve-se entender como o processo da educação começou no Brasil e os interesses que estavam em vigência. A educação não surge sem um contexto histórico, sem uma base que lhe dará fundamentação, requerimento e urgência. Compreender o interesse e o motivo da educação em sua gênese no Brasil permitirá compreender a contribuição da filosofia neste contexto.

Sabe-se que retomar a chegada dos jesuítas no processo educacional é uma discussão antiga, no entanto, não se pode negar que as bases para a educação brasileira começou com a Companhia de Jesus. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, juntamente com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Uma vez aqui, esse grupo iniciou suas atividades que procuravam atingir seu objetivo missionário, ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesmo tempo em que se integrava à política colonizadora do rei de Portugal (VIANNA, 1967). Segundo Piletti & Piletti (1995, p.165) “o raciocínio era simples: seria mais fácil submeter o índio, conquistando suas terras, se os portugueses aqui se apresentassem em nome de Deus, abençoados pela igreja”. Dessa forma, a Coroa portuguesa e a Igreja Católica tinham interesses comuns e,

[...] aliaram-se na conquista do Novo Mundo, para alcançar de forma mais eficiente seus objetivos: a realza procurava facilitar o trabalho missionário da Igreja e esta, na medida em que procurava converter os índios aos costumes europeus e à religião católica, favorecia o trabalho colonizador da Coroa Portuguesa (PILETTI & PILETTI, 1995, p. 165-166).

Sendo assim, o que Portugal pretendia era a autonomia da terra descoberta para poder se destacar em seus próprios interesses. Nas palavras de Prado Jr.:

[...] O que Portugal queria para sua colônia americana é que fosse uma simples produtora e fornecedora de gêneros úteis ao comércio metropolitano e que pudessem vender com grandes lucros nos mercados europeus. Este será o objetivo da política portuguesa até o fim da era colonial. E tal objetivo ela o alcançaria plenamente, embora mantivesse o Brasil, para isto, sob um rigoroso regime de restrições econômicas e opressão administrativa; e abafasse a maior parte das possibilidades do país (PRADO JR., 1970, p.55).

A Igreja, por sua vez, centrava seu interesse em conter a ameaça protestante fruto da reforma religiosa, utilizando para isso a ação missionária na propagação da fé católica através da catequização dos nativos. Evidencia-se que esse processo não foi um processo passivo. Holanda (2002) e Ribeiro (1995) eram de opinião de que essa imposição deixou marcas profundas na formação do povo brasileiro. Nesse sentido, ocorreu um processo de desculturação e aculturação do povo indígena do Brasil. Entretanto, a prática desses interesses não seria possível sem que fossem ensinados para os índios as primeiras letras e os costumes da metrópole, o que faz que se inicie o processo da educação.

Holanda (2002) chama a atenção para a consequência desses fatos, uma vez que eles se estenderam na formação do povo brasileiro:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossos ideais, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem [...]. (HOLANDA, 2002, p.31).

De certa forma, ao considerar o trecho supracitado, percebe-se que toda a nossa instrução e o fruto do nosso desenvolvimento provém de ideais pertencentes a outras paisagens, de outra cultura. E os primórdios do nosso processo educacional não foram diferentes. No entanto, os jesuítas logo compreenderam que não seria possível converter os índios à fé católica sem, ao mesmo tempo, ensinar-lhes a leitura e a escrita. E para tal feito, foi preciso se aproximar dos nativos, aprender a sua cultura para depois impor a sua e, assim, efetivar o processo. “Por isso, ao lado da catequese, organizavam nas aldeias escolas de ler e escrever, nas quais também se transmitiam o idioma e os costumes de Portugal” (PILETTI & PILETTI, 1995, p. 166). No ensino das primeiras letras, os padres jesuítas mostraram grande capacidade de adaptação e desenvoltura, iniciando dessa maneira a educação no Brasil.

Saviani (2005) descreve o processo de desculturação e aculturação envolvida na educação indígena da seguinte forma:

[...] para os jesuítas a religião católica era considerada a obra de Deus, enquanto que as religiões dos índios e dos negros vindos da África eram obra do demônio. Eis como se cumpriu, pela catequese e pela instrução, o processo de aculturação da população colonial nas tradições e costumes do colonizador. (SAVIANI, 2005, p.5).

Nesta perspectiva, a educação jesuítica era uma educação voltada para o interior, sem se interessar com a adequação do indivíduo para fora dos muros da escola, num processo de subalternidade em que prevaleciam os valores da metrópole. Cabe ressaltar ainda, que os jesuítas também eram responsáveis pela educação dos filhos dos senhores de engenho, dos colonos e também dos escravos. Essa postura adotada pelos jesuítas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

determinou uma tendência pedagógica que perdurou por muitos anos em nosso país e que ficou conhecida, pela sua aplicação, como Tendência Humanista Tradicional.

A Companhia de Jesus protagonizou a educação no Brasil por mais de dois séculos, orientados por um código denominado *ratio studiorum* (literalmente plano de estudo). Este código provinha da educação escolástica proposta por Tomás de Aquino no final do período medieval e centrava o conhecimento na figura do mestre. Nesse sentido, as ciências e a educação pública não tinham prioridade. A educação jesuítica pautava-se em relações limitadas à parte interna dos muros das escolas não estabelecendo contato com o mundo externo e nem com interesses que fugiam à dominação da coroa ou da igreja.

A supremacia tradicional exibida pelo modelo pregado pelos jesuítas perdurou oficialmente até a expulsão da ordem, no ano de 1759. Neste ano o Marquês de Pombal entrou em conflito com os jesuítas “atribuindo-lhes intenções de opor-se ao controle do governo português” (PILETTI & PILETTI, 1995, p. 168). Do conflito passou-se para o rompimento, e por fim a expulsão.

Todas as medidas elaboradas por Pombal significavam uma descentralização do poder da Igreja e uma segurança para o governo imperial. Nesse sentido, a educação deveria deixar de servir os ideais do catolicismo e passar a servir os ideais do Estado. Esta medida inaugurou uma nova tendência pedagógica que ficou conhecida como Tendência Humanista Moderna. Nessa tendência a escola deixou de transmitir os valores religiosos e passou a pregar os ideais iluministas.

Não obstante, as mudanças ocorridas, a metodologia de ensino continuou a mesma, uma vez que quem ministrava as aulas neste novo sistema eram os alunos formados pelos jesuítas. Isso significa que mesmo havendo uma mudança de centro da educação a prática permanecia vinculada ao sistema erguido pelos padres católicos. Interessante reparar a similaridade deste contexto com os que seguem as principais mudanças na educação brasileira, sendo que há a perspectiva da mudança, mas os métodos adotados continuam sendo tradicionais.

Assim sendo, a tendência humanista moderna trouxe em seu bojo o ideário de uma mudança política e social, mas que na prática se efetivou muito depois da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

República ser instaurada. Uma das mudanças pregadas pela tendência humanista moderna diz respeito à figura do aluno, que aqui ganha nova dimensão e se torna o agente da educação. A centralidade no aluno permaneceu presente na educação brasileira, ganhando maior importância com a introdução da Escola Nova, corrente pedagógica que enfatiza justamente a realidade do estudante. Essa centralidade permitia, por exemplo, que esse estudante determinasse o seu próprio desenvolvimento educacional, escolhendo inclusive as aulas que mais lhe interessavam como assevera Piletti & Piletti (1995). Ressalta-se mais uma vez a similaridade com as propostas atuais em que os estudantes podem optar por itinerários formativos oferecidos pelas instituições de ensino. No entanto, naquela época, ainda no século XIX, o nível dos professores era baixo, ocasionando um problema bastante grave. Chagas (1980) escreveu que

[...] os professores eram geralmente de baixo nível, porque improvisados e mal pagos, em contraste com o magistério dos jesuítas, cujo preparo chegava ao requinte. Nomeados em regra por indicação ou sob concordância de bispos, tomavam-se “proprietário” das respectivas aulas régias que lhes eram atribuídas, vitaliciamente, como sesmarias ou títulos de nobreza [...]. (CHAGAS, 1980, p.9).

Em suma, o ensino brasileiro estava reduzido a pouco mais que nada quando se iniciou o século XIX e essa perspectiva se prorrogou, com pequenas melhoras até os eventos que levaram ao surgimento da tendência tecnicista no século XX.

De uma forma geral, a preocupação da tendência tecnicista era a técnica e a orientação para essa prática. O papel do professor era a preparação do aluno para as exigências do Estado, em outras palavras, a preparação para uma mão de obra qualificada. A educação no século XX, com a chegada da Escola Nova em 1930, busca mudar o rumo da educação tradicionalista e intelectualista, dando um sentido ativo e integral. Com isso se assevera a participação dos estudantes no processo educativo não apenas ao encargo do professor, mas de uma troca que permite o envolvimento e a experiência. De qualquer forma, o fato da educação mudar o foco metodológico centrando-se nos estudantes e estimulando a iniciativa e a resolução de problemas, o objetivo final ainda seria o mesmo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Levando em consideração as poucas tendências supracitas, se pode perceber que a educação no Brasil passou por períodos específicos que atendiam a exigência social de cada época, mas que em tese, acabou delineando o mesmo sistema educacional da atualidade. Em outras palavras, a educação ainda se preocupa com a técnica e com a formação profissional, além da formação cidadã. É neste sentido estrito, que a filosofia se torna relevante no processo, uma vez que essa formação não deve ser efetivada de qualquer maneira.

Em outras palavras, a filosofia é a ferramenta para que os professores possam usar na difícil tarefa de instruir, formar e, ainda, alertar os educandos além dessa exigência técnica, habilitando-o não só à sua carreira profissional, mas à compreensão do que se passa a sua volta enquanto realidade.

Evidente que esse papel recai a todos que exercem a profissão docente, o que significa que a atitude filosófica não está exclusivamente nas mãos dos professores de filosofia. Nesse sentido, é necessário um exame crítico da própria função enquanto educador, exame que esclarecerá que se, no contexto atual, o professor está agindo como agente catalisador do conhecimento na formação dos estudantes, ou meramente é mais um transmissor de informações inconsciente da importância de seu papel e de sua função social.

### **3. A ALEGORIA DA CAVERNA E A ORIGEM DO FILOSOFAR NA ATUALIDADE**

Para ilustrar a importância da filosofia na educação, se utilizará a célebre alegoria de Platão, exposta no Livro VII da sua República. Nesta perspectiva a atitude filosófica pode ilustrar a passagem das sombras para a luz. A luz representa, na alegoria platônica, o conhecimento verdadeiro, aquele que só pode ser encontrado junto ao inteligível, o mundo das ideias. Alcançar a clareza das ideias é a tarefa da filosofia em sua completude, assim como levar essa clareza até as sombras, que representa a aparência e a multiplicidade do mundo sensível. Essa visão de Platão continua tão atual quanto na época em que foi escrita, uma vez que esse papel atribuído ao filósofo é feito através da educação pelo professor.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mendonça (1991) escreve poeticamente que

[...] As ideias caracterizam os sentimentos; as ideias determinam a vontade; da clareza das ideias depende, enfim, a firmeza das ações. As ideias não estão apartadas da vida: mas estão na existência como o eixo em torno de que o mundo humano efetivamente gira. Esta é, de fato, a força das ideias, e assim é que as ideias movem o mundo [...]. (MENDONÇA, 1991, p.30).

Irrelevante por sua obviedade salientar que o estímulo às ideias parte do processo educativo do qual o professor é o agente catalisador. Entende-se como agente catalisador o docente que desperta em seu aluno a criticidade e a capacidade de problematização, potencializando assim, o seu processo de aprendizagem.

Tendo isso em vista, cabe aqui ressaltar a origem do filosofar e sua relação com a educação e o papel do professor. Descartes (2005), em seu Discurso do Método, coloca a dúvida como sendo a origem do filosofar. Na visão do filósofo francês, a dúvida nos remete à reflexão, o que evidencia o pensamento. Esta é a chave para o *cogito*. Já para Platão e Aristóteles, a origem do filosofar estava ligada a algo mais cotidiano: a admiração ou espanto. Esses termos trazem consigo o sentido de inquietação diante do mundo e dos homens. A primeira virtude do filósofo, dizia Platão (2004), é o espanto, a curiosidade insaciável, a capacidade de admirar e problematizar as coisas. Karl Jaspers (1972) corrobora com esses filósofos e vai além quando escreveu que

[...] a origem da filosofia é o espanto, a dúvida e a experiência das situações-limites; mas, em último lugar e incluindo todas estas motivações, é a vontade de autêntica comunicação. Isto revela-se logo de princípio pelo facto de toda a filosofia ansiar pela participação, exprimir-se, pretender ser ouvida; essencialmente é a própria comunicabilidade de que está indissolivelmente ligada à verdade [...]. (JASPERS, 1972, p.31).

Além da admiração (o espanto) e a dúvida sugerida pela filosofia grega e por Descartes no século XVII, Jaspers atribui à origem do filosofar a vontade autêntica de comunicação, ou seja, para o filósofo alemão, a vontade de comunicar-se gera uma reflexão que, por sua vez, deve ser compartilhada e discutida. Esse diálogo que surge



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com o filosofar não pode ser concebido sem se levar em consideração o processo de educação.

É nesse sentido de espanto e admiração, mas também de comunicação e linguagem que o olhar filosófico recai no mundo na atualidade. E é nesse sentido que se fará alusão à Alegoria da Caverna de Platão, uma vez que as sombras da caverna podem também representar a ignorância humana e a inércia do pensamento. Segundo Eduardo Prado de Mendonça

A tendência natural do homem para a teoria manifesta-se no fato de que espontaneamente formamos uma opinião sobre os acontecimentos, antes mesmo de nos preocuparmos com o conhecimento preciso das ocorrências sobre as quais manifestamos a nossa opinião [...]. (MENDONÇA, 1991, p. 54-55).

Em outras palavras, o ser humano acelera suas conclusões partindo daquilo que lhe causa admiração, levando-o à reflexão. São essas conclusões que se busca com a saída da caverna platônica. Ressalta-se que a Caverna representa uma prisão e esta prisão pode ser trabalhada em vários contextos. Ela pode simbolizar a limitação do conhecimento, como o próprio Platão trabalhou em sua célebre obra quando aponta a caverna como o conhecimento sensível, mas pode ganhar ressignificações no contexto atual como, por exemplo, a imersão acrítica à uma ideologia política e à servidão moderna ou, ainda, a dependência da tecnologia, ou até os dogmas e preconceitos nutridos por alguém.

A filosofia, neste contexto, surge como um saber específico, não apenas como amor à sabedoria que traduz a sua etimologia. A filosofia, nesta nova perspectiva é um saber crítico, radical e racional que busca a fundamentação das coisas, permitindo a relação dos conteúdos estudados com o mundo exterior e suas implicações. É essa competência que se espera dos profissionais qualificados exigidos pela sociedade na contemporaneidade.

A filosofia, no entanto, não está restrita ao filósofo, uma vez que todos os docentes devem incentivar o olhar crítico e radical nos seus estudantes. Em contrapartida, quando o ensino da filosofia é feito por um profissional formado na área, o impacto se torna mais significativo, o que vale para todas as áreas do conhecimento.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com isso se quer dizer que um profissional formado na área sabe como problematizar as questões e fazer as relações necessárias para a compreensão do estudante. Um professor formado em biologia, por exemplo, não possui as mesmas habilidades e competências do que um professor formado em química, mesmo estando numa mesma grande área de conhecimento. Sendo assim, um professor de biologia não teria o mesmo resultado ministrando aulas de química do que um profissional formado em química. O mesmo vale para a filosofia. Embora todas as questões filosóficas possam ser trabalhadas por profissionais de qualquer área do conhecimento, o professor de filosofia pode fazer com que as problematizações e as relações sejam mais aprofundadas obtendo um melhor resultado, assim como um alcance maior.

O professor de filosofia, neste sentido, representa o filósofo que sai da caverna na famosa alegoria de Platão, uma vez que a filosofia pode transitar livremente pelas demais áreas do conhecimento. Dessa forma, o professor de filosofia pode aprofundar as discussões permitindo que os estudantes percebam referências e despertem a criticidade. Platão escreve que:

[...] um homem sensato lembrar-se-á de que os olhos podem ser perturbados de duas maneiras e por duas causas opostas: pela passagem da luz à escuridão e pela da escuridão à luz; e, tendo refletido que o mesmo se passa com a alma, quando encontrar uma confusa e embaraçada para discernir certos objetos, não se rirá totalmente, mas antes examinará se, vinda de uma vida luminosa, ela se encontra, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas ou se, passando da ignorância à luz, está deslumbrada pelo seu brilho demasiado vivo; no primeiro caso, considerá-la-á feliz, em virtude do que ela sente e da vida que leva; no segundo, lamentá-la-á e, se quisesse rir à sua custa, as suas zombarias seriam menos ridículas do que se se dirigissem à alma que regressa da mansão da luz. (PLATÃO, 2004, p.229).

Com isso Platão quer dizer que aquele que sai da caverna possui o conhecimento da passagem da sombra para a luz e também do caminho inverso, ou seja, da luz para sombra. Com isso traz a responsabilidade de iluminar as almas menos esclarecidas, sem que às vezes estas almas percebam este esclarecimento. O professor faz esse mesmo trajeto, na atualidade. Não é por menos que Platão afirma que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[...] a educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar a visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por encaminhá-lo na boa direção. (PLATÃO, 2004, p.229).

Platão resume, portanto, o papel do professor no processo da educação, mas resume também o papel do filósofo que sai da caverna e volta para instruir (iluminar) os menos esclarecidos que permaneceram acorrentados nas sombras. Nesse sentido se afirma que o professor de filosofia é o mais apto a ministrar as aulas de filosofia, sendo ela capaz de fazer com que os estudantes estabeleçam relações mais amplas sobre os temas estudados em sala, independentemente do nível de escolaridade. Dilthey (2014, p. 25) afirma que “a filosofia é mestra da vida, inventora das leis, introdutora em toda e qualquer virtude”.

Levando isso em consideração, a tarefa do docente enquanto agente catalisador do conhecimento é o mesmo do filósofo amante do saber. Dessa forma o professor deve adquirir uma postura filosófica para trabalhar nos diferentes níveis de formação, independente da sua formação. Dito de outra forma, se o docente não possuir uma formação filosófica ou humanista, deve buscar as ferramentas para que possa adquirir uma postura filosófica que permita ao seu ensino o envolvimento de um despertar crítico em seus estudantes.

Tomamos como exemplo o ensino técnico integrado hoje ofertado pelos Institutos Federais de Educação, ciência e tecnologia. Independente do curso técnico, a filosofia faz parte do currículo e é ministrada por profissionais formados na área. No entanto, o papel da filosofia nestes cursos não é o de formar um filósofo, mas de fazer com que os estudantes possam pensar filosoficamente a sua realidade, o seu mundo e tudo aquilo que se liga a ele. Não é, portanto, apenas um ensino conteudista, embora as ementas dos cursos tragam certos conteúdos que se considera básico para se alcançar este fim. É justamente neste cenário de levar o estudante a pensar filosoficamente o mundo que o cerca que está a passagem das sombras para a luz representada na alegoria



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de Platão. É para este fim que o filósofo volta às sombras depois de atingir a luz. Nagel (2001) nos fala que

Muito se escreveu sobre essas questões ao longo desses milhares anos, mas a matéria-prima filosófica nos é fornecida diretamente pelo mundo e por nossa relação com ele, não pelos escritos do passado. É por isso que esses temas surgem repetida vezes na cabeça das pessoas que nunca leram nada a respeito deles. (NAGEL, 2001, p.2).

Isso nos mostra que as questões filosóficas acompanham naturalmente a vida humana, estando diariamente junto conosco. Fazer com que os estudantes percebam isso é o papel do professor. O estudante que estuda os cursos técnicos integrados ou um curso superior ou mesmo o ensino básico deve aprender a interpretar o mundo em que está inserido; usando a alegoria de Platão, deve se soltar das amarras que o prendem nas sombras da caverna, mas não se consegue isso sozinho. Deve haver a orientação do docente para a finalização desta ação, sendo este docente filósofo de formação ou não.

Nesse sentido, restaura-se a origem do filosofar, seja ela considerada a **dúvida**, como Descartes ilustrou ou sendo a **admiração** ou **espanto**, como pretendiam Platão e Aristóteles, ou ainda, a **comunicação** apontada por Karl Jaspers. O docente como responsável por este processo deve **Provocar** a discussão e com isso a reflexão necessária para ilustrar a passagem das sombras à luz. **Provocar** deve ser entendido aqui no seu sentido etimológico, ou seja, do latim *provocare* – Pro-vocare: favorecer a vocalização, a fala, a discussão de ideias. A compreensão de mundo, de realidade física, social ou profissional deriva deste exercício que, necessariamente, é mediado pelo professor. Para Morin (2000, p.16), a compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Assim, para que se faça compreender é necessário articular os elementos de uma boa interpretação por intermédio de uma mediação segura por parte do docente.

Rubem Alves em *conversas sobre educação* (2010) escreve que sempre se preocupou muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças, mas que agora está preocupado com aquilo que as escolas fazem com os professores. Nas palavras dele:

Os professores que fizeram as perguntas já foram crianças; quando crianças, suas perguntas eram outras, seu mundo era outro... Foi a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

instituição “escola” que lhes ensinou a maneira certa de beber água: cada um no seu ribeirão... Mas as instituições são criações humanas. Podem ser mudadas. E, se forem mudadas, os professores aprenderão o prazer de beber de águas de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando eram crianças. (ALVES, 2010, p.28).

Rubem Alves nessa passagem nos lembra do filósofo inerente em cada ação professoral, em cada pergunta feita, uma pergunta de criança. As crianças trazem a admiração e o espanto de estarem conhecendo o mundo a sua volta. Esse espanto e esta admiração refletem nas perguntas feitas por elas. Os professores, por vezes, devem resgatar esse espírito filosófico e, como fazem as crianças, perguntar, provocar, com a mesma admiração e espanto. Voltar a questionar com este espírito de criança é uma característica da filosofia, do guia que sai da caverna, conhece a luz e tenta dissipar a escuridão.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Puderam-se perceber, na primeira parte deste trabalho, através de uma breve reconstituição histórica, os movimentos que delinearão a educação no Brasil. Neste processo, constatou-se que a educação sempre acompanhou as exigências feitas pela sociedade. Diante destas exigências, a filosofia enquanto ensino se torna imprescindível, uma vez que ela é considerada um saber crítico, racional, radical, lógico e metódico que permite uma análise da realidade mais aprofundada.

Diante dessa característica da filosofia, a formação de profissionais exige um ensino diferenciado para que desperte toda a criticidade que a sociedade atual exige para a realização do trabalho. A filosofia, nesta perspectiva, é uma ferramenta importante para o docente, mesmo para aquele que não possui uma formação filosófica ou humanista. O saber fazer, na atualidade, não é suficiente e nem garantia de sucesso profissional. Independentemente da área de atuação, é necessário saber relacionar os conteúdos e conceitos, bem como as diversas habilidades e competências. Deve-se, utilizando a linguagem platônica, sair das sombras da caverna para alcançar a luz e a filosofia conduz a esse fim.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Destarte, como analogia, se utilizou a Alegoria da Caverna de Platão para ilustrar essa passagem das sombras à luz. Não obstante, não fica apenas evidenciada a função social e pedagógica do docente neste processo de esclarecimento, mas também a do filósofo. O filósofo representa àquele que primeiramente sai da caverna para compreender a verdade e volta para ensinar, mesmo aqueles que não querem aprender. Salientou-se a partir disso, a importância de docentes formados na área ministrarem as aulas, independentemente da disciplina ministrada. Só quem possui a formação adequada pode fazer o papel que o filósofo faz no ensino da filosofia, ou seja, despertar o **querer saber** do seu estudante, o **amor à sabedoria**.

Levando isso em consideração, o docente deve buscar despertar no estudante àquilo que o leve à reflexão. A origem do filosofar que vai levar o estudante a refletir o mundo e a realidade em sua volta. A leitura do mundo surge com a dúvida, com a admiração ou espanto, assim como fazem as crianças. Esta é a atitude adotada pelo professor, fazer com que os seus estudantes olhem a realidade com os olhos de crianças, assim como o próprio docente faz ao explicar, contextualizar e problematizar os saberes fundamentais para o exercício da técnica, do conceito ou do agir que envolve a profissionalização. Com isso, ressalta-se a relevância de discutir a filosofia em sua origem, no seu significado original de amor à sabedoria, pensando a realidade de forma filosófica.

Diante disso se conclui que a Alegoria da Caverna é uma analogia sempre viva ao se problematizar a educação. Indiferente se estiver falando no ensino básico, médio, técnico ou superior, sempre haverá sombras e correntes das quais o docente, no papel do filósofo que sai primeiramente da caverna, deve auxiliar os estudantes a vencerem, conduzindo-os à luz, para que posteriormente eles possam fazer o mesmo dentro das suas respectivas profissões. O Professor sempre representará o filósofo que sai da caverna e volta, assim como a luz e a dificuldade de se adaptar a ela representa o processo de formação, a educação de uma maneira geral. Por isso reforça-se a importância de que cada docente atue no ensino nas disciplinas de sua formação, uma vez que somente aquele que é formado na área que ministra pode problematizar e fazer



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma leitura de mundo mais aprofundada, direcionando o estudante para à reflexão crítica e para a solução de problemas.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas sobre Educação**. 12º Ed. Rio de Janeiro: Versus Editora, 2010.

CHAGAS, V. **Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus**. São Paulo: Saraiva, 1980.

DILTHEY, W. **A Essência da Filosofia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JASPERS, K. **Iniciação Filosófica**. Lisboa: Guimarães editores, 1972.

MENDONÇA, E. P. **O Mundo precisa de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

MORIN, E. **Os Sete saberes necessários à educação do Futuro**. Brasília: UNESCO, 2000.

NAGEL, T. **Uma breve Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PILETTI, N.; PILETTI, C. **História e Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SAVIANI, D. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, 2005.

VIANNA, H. **História do Brasil: período colonial**. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1967.

Recebido em: 29/09/2021

Aprovado em: 21/10/2021

Publicado em: 29/12/2021